

Mudanças tornam mais fácil adoção do programa

Os economistas avaliam que o governo terá sucesso na execução do ajuste fiscal, necessário para cumprir as metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), especialmente após as medidas anunciadas em 30 de dezembro. As projeções para 1999 confirmam os números do governo e são de um déficit nominal de 4,8% do PIB e superávit primário próximo a 2,0% do PIB ou R\$ 16,3 bilhões.

O difícil será o começo do ano. Marcelo Allain, diretor do BMC, acredita que as medidas compensatórias adotadas para tapar o buraco provocado pelo atraso na aprovação da CPMF e de mudanças na Previdência serão positivas. "Seria difícil alcançar a meta de US\$ 3 bilhões de superávit primário no primeiro trimestre do ano sem a CPMF", observa Allain.

Na Tendências Consultoria Integrada, a projeção também não é muito otimista. "O déficit nominal pode ficar maior, próximo a 5,8% do PIB", diz o consultor Roberto Padovani. Essa projeção considera uma atitude muito conservadora do BC na queda dos juros. "Para cumprir a meta acertada com o FMI, de 4,8% do PIB, a taxa média no ano precisaria ficar em 18%", explica Padovani.

Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank, observa que o comportamento conservador do BC privilegia as contas externas em relação às contas fiscais. Com juros mais elevados, o déficit nominal cresce. Abate lembra que as derrotas do governo na aprovação do ajuste fiscal são parciais e podem ser revertidas em 99.

Além disso, pondera, as medidas extras e a aprovação da cobrança de Imposto de Renda das entidades filantrópicas vão compensar, em parte, a perda de receita com a não instituição da cobrança da CPMF e da alíquota da Previdência dos servidores inativos. O ganho com essa cobrança pode ficar acima de US\$ 800 milhões, calcula. (D. N.)